

Interlúdios

Poesia e Prosa

Moacir Luís Araldi



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Interlúdios é um livro recheado de simplicidade em seus textos, feito com gêneros variados e que mostram a fragilidade e a sensibilidade poética do autor em cada linha. A poesia, gênero exclusivo de Cabernet, primeiro livro solo de Moacir Luís Araldi, neste divide espaço com a prosa poética, com pequenos contos, breves crônicas e alguns pensamentos e frases.

O título, em uma analogia a duas estrofes musicais, refere-se a pequenos textos intercalados com poemas maiores, tornando assim mais leve e prazerosa sua leitura.

Não há nenhuma sequência cronológica, por assunto ou por gênero literário, antes pelo contrário; a ideia foi mesclar o máximo possível.

Alguns textos já foram publicados em site literários onde o autor escreve.

Cenários imaginários, personagens do cotidiano e lembranças da juventude permeiam poemas que levam a ver o lado humano de quem está inserido no meio em que vive.

Entre, caro leitor
e boa leitura.

Interlúdios

poesia e prosa



Moacir Luis Araldi

Interlúdios
poesia e prosa

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor: 30/03/2016

A659i Araldi, Moacir Luis

Interlúdios [recurso eletrônico] : poesia e prosa / Moacir Luis Araldi. –Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.
1,5 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-203-9

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Para:
Mari
Marcelo
Maurício

Aos meus pais: (In memoriam)
Gratidão eterna.

Para demais familiares:
Referências permanentes.

Para os amigos:
Indispensáveis.

Agradecimento especial ao Projeto Passo Fundo:
Nascente da arte.

Tempo
Coisa que acaba de deixar a querida leitora um pouco
mais velha ao chegar ao fim desta linha.
(Mario Quintana)

Prefácio

Fomos presenteados com o desafio de escrever este prefácio. Começamos por pensar no que se espera de um livro de prosa e poesia. Mas em pouco tempo estávamos também refletindo sobre o autor. Não só este, mas em geral. Os autores: Os escritores. Afinal, o que motiva estes a colocarem seus esforços e sua dedicação em trabalhos que muitas vezes não recebem a devida atenção e valor? Por que se submeter a isto?

Seria tudo por amor? Seria o escritor aquele que a cada texto oferece uma nova percepção sobre o corriqueiro? Sobre o épico? Que faz brincar na gangorra a felicidade, a melancolia e a esperança, somente usando palavras? Alguém que transpira sinceridade no prazer de viver, sentir e experimentar? Sábios que pincelam e tecem mundos diferentes a cada página.

De uma forma grandiosa, nos parecem pessoas que criam chuvas de sinceridade e emoção em desertos de solidão, utilizando apenas a simplicidade de mentes que viajam a dez mil rotações por minuto. São estes que imaginam felicidade e beleza nas rotinas e romances?

Só com amor pela atividade é que se faz um escritor. É este, então, um amante? Da vida, do mundo, do belo?

Pois que parece ser assim; O escritor é aquele que de uma forma ou de outra nos faz aliviar nossa cabeça, nos faz fugir dos nossos próprios problemas. Todos que gostamos da literatura não somos, senão, amantes dos próprios amantes. Sejam histórias longas, sejam novelas, romances ou contos e poesias. Todas são formas de amor.

Em Interlúdios encontramos o amor nas cores dos sonhos da juventude, nas calças rasgadas da rebeldia revolucionária, na cabeça leve das horas difíceis de solidão, nas viagens, em



curvas e serras, nos encontros emocionantes e nos momentos de paixão. Este escritor absorve e sintetiza a essência da beleza de viver em uma maneira descontraída e envolvente.

Nele há um escritor, um poeta um amante da vida. Uma pessoa preparada para compartilhar sua imaginação, suas emoções, seus momentos... Enfim, seus amores. Um livro de cenas e imagens em palavras. Um livro de experiências diferentes a cada página. Um livro que devora o tempo.

Marcelo Comin Araldi
Maurício Comin Araldi



Sumário

Prefácio	7
Roda Gigante	15
Calças jeans	17
Estradas	18
Mulheres	20
Vem... Vamos	21
Laço	22
Tie-break	23
Masculino singular	26
Nunca mais	27
Por escrito	29
Perdeu	30
Sou	32
Suco de maçã	33
Jurava	34
Fraldas e mamadeiras	35
Epílogo do amor	37
Talheres	38
Nu em pelos	39
Um dia depois de abril	40
A noite tem prantos	42
O Pequeno criador	43
Voz	45
Não sabe de amor	46
Ternura	48
Pietá	50
Cafeteria	51
Não está aqui	53
O Fumantismo	54



Sem metáforas	55
Boate Azul	56
Dois versos	58
Calças rasgadas	60
Reencontro	62
Pássaros da vida	63
Rei de copas	65
Viagem de ida	66
Que seja suave	68
Não salvar	69
Inseguranças e medos	71
A última lambreta	72
Solidão e medo	74
Um minuto de angústia	76
Protagonize	78
É você	79
Velhos arquivos	81
Prefiro	82
Como um tango	83
Viver é uma experiência incomparável	84
Naftalina	86
Colorau	87
Madrugadas verdes	89
Quanto vale um homem?	90
Túnel	91
Chalé de Embaú	92
Maré	94
Miçangas	95
Falta-me a loucura	98
Superlativo	99
Romãnzeiras	100
Remo	101
Um amigo	102



Onde 103
Felicidade 104
Dividir 106
Vaidade 107
Arranjos de algodão 108
Folhas secas 109



Não escrevo, grafo no papel as cores da minha alma.



Roda Gigante

Decidiu não mais tocar no assunto. Jamais.

Passado é passado. Foi intenso, mas considerava superado.

Mergulhado no trabalho, passava horas, até mesmo um turno inteiro sem lembrar.

Verdade que a noite em casa, ainda acessava velhos links e redes sociais quase que por instinto.

Teve momentos que desejou que todos os sentimentos fossem controlados por botões liga e desliga.

Por vezes pintava cenários extremamente românticos e, em sua mente, cenas de amor inesquecíveis rodavam lentamente, como faziam os antigos projetores do cine Imperial.

Lá sonhou ser o mais viril dos atores pornô. O mocinho que encantava gerações. Don Juan de uma juventude rebelde que, de cabelos longos, sonhava com a liberdade sexual e política, ainda assim, aos domingos à tarde sorria ridiculamente na roda gigante de um parque de diversão nômade, por ora ali fixado.

Por outros, com amigos na Praça da Mãe Preta balançando a chave do fusca branco antigo.

A revolução que sonhava nunca ajudou a fazer. No máximo cantarolava Geraldo Vandré agarrado ao seu violão com cordas de nylon.

Não tinha tantos motivos para sorrir. A vida nunca lhe fora muito generosa. Por vezes sentia-se o escravo substituto de Bentinho no seminário, por outras o próprio Dom Casmurro.

Só entendeu que tudo pode piorar após o professor Henrique pedir a leitura e análise de "Os Lusíadas".



Dos lábios de mel, restou-lhe apenas Iracema.

Agora estava só. Balançou a garrafa e, por sorte, ainda tinha mais de meio litro de alegria e uma lembrança da amada para poder sonhar.



Calças jeans

Pisava os chinelos.
Apertada pelas calças jeans
Manchadas.
Expunha o corpo
Nos passos que dava.
Músicas no ouvido
E a arrogância dos olhos,
Saltava.

Interlúdio: Adiantamento

Pedi a meus sonhos um adiantamento de felicidade.
Como estou em débito com a esperança, foi negado.



Estradas

As estradas me encantam em qualquer lugar que eu ande.
Tem suas próprias características. Seus ruídos típicos.
Nada se compara ao barulho das rodovias.

Carros que vão... Carros que vem...

Quantos sonhos passam nas suas faixas.

Gente levando sonhos e trazendo lembranças. Trazendo
sonhos e levando lembranças.

Mudando e levando mudanças. Construindo a sua história e seus álbuns. Quantos amores, por elas, vão e vem. Casais amando em suas extensões. Pais buscando nelas o sustento da família. Valores que transitam em proporções gigantescas. A alegria e a euforia da chegada, o abraço da acolhida, o adeus, sempre triste, da partida.

Sempre alguém diz: vá com Deus.

E as paisagens! Quantas ficam registradas em nossa mente e lá permanecem para sempre.

As serras serpenteando morros e montanhas. Beleza indizível. A passagem sobre pontes, viadutos e ferrovias me dá uma sensação de romper barreiras quase intransponíveis da vida. A gastronomia, com seus cafés coloniais deliciosos. Os artesanatos e fruteiras. A água que desce entre matos refrescando o ar. O cheiro da natureza, nestes pontos, é tão próprio. Os longos trechos em subidas e descidas. E tem as buzinas de advertências e de agradecimentos pela gentileza na ultrapassagem.

À noite as luzes dão aquele efeito de cidades móveis. Quer maior lindeza?

Os trevos que, como à vida, nos deixam em dúvida sobre o caminho a seguir.

Os locais não conhecidos sempre desafiando nossa ima-



ginação. A música rodando e a cabeça, em outras viagens. A frenagem dos caminhões que assustam e emocionam.

Eu sei que tem buracos, acidentes, assaltos, pardais e pedágios, mas, sinceramente, não vivo sem viagens.

Nem falo das curvas, pois estas me encantam como me encantam as mais belas mulheres que por elas transitam.



Mulheres

Mulheres trocando-se na janela
Que doces encantos tinham elas.
Hoje não têm mais, pois até na rua
Vê-se partes íntimas de algumas delas.

Interlúdio: Livros de infância

Naquela época eu me deliciava lendo listas telefônicas que vinham da operadora estadual na qual meu irmão trabalhava. Incrível como pareciam poesias de um verso só. Sem medo de errar, estes foram meus primeiros e únicos livros de infância.



Vem... Vamos

Chamou seu cachorro meio incrédulo da vida. Ao ajoelhar-se para acariciá-lo, sentiu agravar o desconforto das costas.

Queria outros ventos. Buscava uma vida sem rodeios e pessoas sem “nove horas”.

Estava farto de lirismo comedido, tanto quanto Bandeira.

Trocou de roupa. Lustrou os sapatos. Abriu a geladeira, devorou meia fatia de melancia rapidamente.

Segurou com a mão direita o blusão no ombro esquerdo.

Uma última olhada no espelho.

- Outra pessoa, concluiu.

Nem percebeu a marcas de patas no jeans.

Fechou a porta deixando a luz da sala ligada.

Não voltaria para apagá-la.

Com pequenos assovios chamou Serelepe:

- Vem... Vamos...



Laço

Um laço no buquê de rosas
Entrego para que possas desatar
Puxando certo vira amor
Puxando errado vai enodar.

E o laço quando ata
Ninguém mais desfaz o nó
Morrem as flores sufocadas
E as pétalas viram pó.

Neste caso as demais rosas
Choram meio desesperadas
Do jardineiro elas fogem
Para não morrerem amarradas.

Interlúdio: Disponível

O dia de hoje está disponível. Quer usá-lo para ser feliz?



Tie-break

Chegamos ao destino já no final de um dia de muito calor. De cara já percebi certo aspecto medieval na região.

Maria Luiza que dominava espanhol e se aventurava no inglês se encarregava de pedir informações. De Francês nenhuma palavra. Nem ela nem eu.

A ideia era vencer o percurso em trinta dias. Mas já no primeiro dia de caminhada sentimos que seria preciso muita resistência para buscar este objetivo.

À medida que subíamos em relação ao nível do mar parecia que ficava mais cansativo.

Eu olhava para a Malu, e lembrava-me dela reclamando do ponto que eu perdi no tie-break da final do campeonato de vôlei da liga.

Há muito nos tornamos amigos.

E nesta condição viajamos juntos. Mas nunca deixei de ter uma forte atração por ela.

Morena alta, cabelos longos, olhos claros e com a pele bronzeada chamava ainda mais minha atenção.

Falávamos para todos que éramos irmãos para facilitar as coisas. E, convenientemente nos comportávamos.

Encontramos, naturalmente, gente de todas as partes do mundo.

A cada um dávamos a atenção possível. Era meio desconfortável ver as insinuações e os olhares para cima da Malu. Mas ela sempre foi desenvolta e tirava até uma onda com os mais abusados.

Mulher decidida, bem resolvida, sabia que estávamos ali para fazer o percurso que dois anos antes começamos a planejar. Jogávamos na mesma equipe e trabalhávamos na mesma



empresa; isso tornou possível este planejamento sem muitos atropelos. Negociamos férias no mesmo mês. Verdade que não foi fácil à negociação, pois o setor ficou meio desguarnecido nestes dias.

Agora ali, vendo as paisagens lindas, apoiado pelo caxado e suportando a mochila nas costas, estávamos felizes. Nestas horas percebe-se que dá para viver apenas com o essencial. Era o que carregávamos nas mochilas, pois quanto mais leves melhor se suporta. Questão de resistência mesmo.

Terrível são as bolhas que se formam nos pés. Tínhamos esta informação e tomamos todos os cuidados, mas ainda assim não conseguimos evitar. O jeito era medicar sempre que estávamos nos albergues. Aliás, ficávamos nos públicos por uma questão de custos. Ainda assim eram melhores do que se podia imaginar. A diversidade de cultura acabava ajudando na aceitação de situações diferentes a cada dia, a cada hospedagem, a cada conversa. Tudo tão diverso que chega a encantar. É preciso despir-se de valores preconcebidos para poder entender a grandeza deste momento que também é cultural.

Tinha dias que eu via a Malu meio cansada. Olhar contemplativo. Olheiras enormes, contudo, sempre bem-humorada. Ela conseguia me manter equilibrado emocionalmente. Um feito para poucos em situações assim.

O mais interessante é que a cada momento eu me sentia mais atraído por ela. Às vezes parecia que ela também estava gostando um pouco mais do que só estar comigo e da minha companhia. Por outro lado, a insegurança me impedia de tentar qualquer aproximação amorosa. Afinal éramos amigos que agora se apresentavam como irmãos. Uma coisa meio embaraçosa.

No final do primeiro dia, em St. Jean, ela tinha me dado um beijo no rosto que me marcou muito. Era um agradecimento por estarmos ali. Uma retribuição pelo carinho e atenção que eu dedicava a ela nesta viagem.



Mas confesso: não esqueci o beijo.

O perfume dela me enchia de desejos. Mas nunca exteriorizei. Melhor não colocar em risco tudo o que projetamos curtir.

Trinta e cinco dias e oitocentos quilômetros depois, emagrecidos e meio exausto, finalmente avistamos a chegada. A ansiedade que aumentava a cada dia, ficou ainda maior.

Foram incontáveis passos irmanados nestes dias. Visivelmente emocionada, Malu se aproximou e estendeu-me os braços e eu perguntei a ela com lágrimas nos olhos e voz embarcada:

- Quanto vale a realização deste sonho?

Chorando ela me abraçou e respondeu:

- Não sei, mas muito mais do que o ponto que você desperdiçou no tie-break.

Risos e choros se misturaram. Ela me apertava cada vez mais forte e gostosamente senti um arrepio percorrendo o meu corpo todo.

Inesperadamente beijou-me.

Foi apenas o primeiro, mas entendi que valeu a pena cada metro feito no cansativo caminho de Santiago.



Masculino singular

Defino-me na simplicidade
Na minha ingênua inocência
Não sei sequer a minha idade,
Velhice é uma simples incoerência.

Não julgo ninguém, nem condeno,
Se for valioso tem na vida seu lugar
Vivo suave como o cair do sereno
Apenas humano masculino singular.

Interlúdio: Futuro

Futuro é o presente que ainda não foi iluminado.



Nunca mais

A noite chegava pelas ruas de chão batido e escuras tomadas de bares e cabarés. Verdadeiros puteiros amontoados num beco no lado sul da cidade.

Estacionado de forma camuflada sentia-se seguro, protegido e poderoso. Salário recém-recebido e libido generosa davam-lhe fantasias em abundância.

Circunstâncias que o fazia o protagonista de Luzes da Ribalta periférica.

O cheiro de mofo e do ambiente mal ventilado não possibilitava qualquer análise racional.

Uma noite que lhe renderia uma crise financeira para o resto do mês e muitas histórias para contar. Bem mais fantasiosas do que as mulas sem cabeças e Sacis-pererês de fogos e cachimbos.

Ao contá-las dava-lhes requintes de belezas, paixões e lirismo dignos de rebaixar Vinícius de Moraes ao segundo grupo.

Nos anos da Bossa nova e Jazz, comprou sua única guitarra. Dela tirou apenas uma nota e algumas fotos para o porta-retratos emoldurado com madeira e um detalhe dourado.

A glória, agora amarelava sem cordas e sem vocal tristemente pendurada na parede do quarto.

Naquela mesa faltavam Bandolins. Nem Jacob nem Nelson. Certamente não viriam.

Com um pouco de sorte contemplaria Joaquim adentrando com toda sua fama de rei da noite. Aquela, no entanto, era uma provável noite movimentada no Cassino Urca e ele de lá não sairia.

Assim, único festejado pelas garçonetes e prostitutas de



pernas de fora e com um perfume repugnante de lavanda, ali beberia os últimos trocados já madrugados.

O prego no pé sempre doía, mas impulsivo, ali estava todo início de mês.

De meretrizes e garotas de programa pensava saber. Bem como o que teria e o que ali deixaria.

Tristes passagens em que a paga lhe era subtraída sem sutilezas. O arrependimento sempre chegava tarde.

Agora, no porão mal iluminado da vida, tinha ainda uma ponta de orgulho que teimava em levantar sua cabeça.

Contudo sucumbia.

As percepções frias da realidade diziam-lhe muito claramente:

Nunca.

Nunca mais.



Por escrito

Um anjo vem me ver, por escrito.
Sem gritos.
Grifo-te em negrito.
Adiciono-te aos favoritos.
Sem faniquitos.
Subscrito, vão meus versos.
Acolher-te sem atritos.
Alcançar-te sem conflitos.

Interlúdio: Tentar
Tentar escapar da morte parece ser uma constante normal em nós. O problema é quando, inadvertidamente, escapamos da vida.



Perdeu

A casa caiu!

Era o grito que mais temia ouvir. Agora era real. Ali estava. Algemado e com o rosto colado ao chão. Perto das humilhações que enfrentaria dali para frente, capitão Nascimento se tornara humilde e doce em sua imaginação.

Na cela 35 do presídio central viu-se em Dois Rios escrevendo “Memórias de um Cárcere”. Via alguns companheiros tomados por moléstias graves morrendo dolorosamente numa cela nojenta, fedorenta e úmida.

A sorte estava definida. Antes tivesse conseguido se exilar em outro país da América amada e generosa.

Febil e dolorido passava horas detido, literalmente, em pensamentos amenos que lhe aliviavam os dias.

Dos tempos da roça trouxera tão somente cicatrizes de tocos, vara de pesca e uma antiga dívida do financiamento do primeiro e único utensílio agrícola que comprou. Com o nome registrado em órgãos de proteção ao crédito e uma vontade louca de vencer tentou de todas as formas emprego digno.

Com o passar dos dias via estreitar os caminhos que julgava seriam largos naquela cidade. Escola não frequentou. Mal conheceu o MOBREAL cuja única lembrança era da professora linda e abundantemente perfumada.

Por dias a fio teve a mais honesta das vontades de buscar um trabalho condizente com a sua capacidade e formação. Que formação? Dura realidade.

Meses depois a bebedeira passou a ser sua segunda casa e as amizades o mais influente dos mandamentos seguidos.

Pouco tempo e o grupo se formou. Queria ser Al Capone no mundo criminoso.



Haveria de criar um plano espetacular de ações geniais, lucrativas e bem-sucedidas.

Contudo a panela ficou sem tampa.

Agora ali preso e recrutado pelo comando vermelho, garimpava um caminho de volta a liberdade.

Sonhava.

Não foi assim. Condenado, cumpriu pena até ser liberado para a condicional.

Ao sair durante o dia entendeu que as portas fechadas ou abertas não contribuía em nada.

A liberdade parecia mais um castigo. Trêmulo, embriagado, assassinou a história.

Hoje não busca mais nada.

A estrada chamada vida se tornou rua sem saída.



Sou

Sou sonho... Que se escreve desejo.
Sou esperança... Que se escreve pó.
Sou angústia... Que se escreve nó.
Sou amor... Que se escreve talvez.
Sou infância... Que se escreve distante.
Sou passo... Que se escreve muleta.
Sou criança... Que se escreve doçura.
Sou conta nova... Que se escreve dívida.
Sou desejo... Que se escreve vontade.
Sou ânsia... Que se escreve chocolate.
Sou busca... Que se escreve tentativa.
Sou homem não chora... Que se escreve falso.
Sou medo... Que se escreve insegurança.
Sou natureza... Que se escreve extinta.
Sou verdade... Que se escreve dureza.
Sou solidão... Que se escreve tristeza.
Sou o eterno... Que se escreve “até onde der”.
Sou ternura... Que se escreve mulher.
Sou o estou bem... Que se escreve mentira.
Sou sólido... Que se escreve derrama.
Sou poesia... Que se escreve em versos.

Interlúdio: Sem número

Sempre desejei viver numa casa sem número, como estes
endereços que parecem não existir – Moro na Rua das Flores,
S/N. Isso sim é morar numa poesia.



Suco de maçã

Aquela noite não quis sair. Preferiu ficar no aconchego da casa.

Na rua só fatos rotineiros.

Nuvens pesadas escondiam a lua pela qual tinha grande atração.

Nos bares em frente à sua casa, os amigos riam e bebiam em mesas colocadas sobre as calçadas. Cenas absolutamente rotineiras. Na sua solidão fitava a rua pela janela de vidro e mantinha-se atento ao telefone celular. Como não surgia a tão desejada ligação resolveu fazer um suco. De maçã.

Se sua amada estivesse ali diria que era da fruta proibida. Sempre era assim. Esta insignificante lembrança deu-lhe certo alívio... E conforto.

Gargalhou da própria sorte. Fechou os olhos e deixou rolar na memória os mais belos momentos que junto passaram.

A lembrança do perfume dela enchia a casa de certo cheiro de saudade. Mas o telefone permanecia mudo e aquilo o angustiava. E aquela voz que o fazia feliz não era ouvida.

Só uma ligação e bastava.

Contudo o dia amanheceu. O telefone não tocou. Ficou aquela lacuna sem ser preenchida.

Na noite seguinte quando ela chegou e perguntou se havia esperado muito pela ligação, orgulhoso, mentiu que tinha dormido cedo.

Assim teve uma noite perfeita.

Dessas que valem por uma vida.



Jurava

Narcisismo marcante,
fotos e mais fotos com
roupas curtas,
pouco elegantes.
Viajava nas noites,
tinha um amargo regresso,
ela jurava que era amor
ele sabia que era sexo.

Interlúdio: Adjetivar

Desnecessário adjetivar. Depois de amor basta um ponto.



Fraldas e mamadeiras

Naquela tarde ao receber a notícia Luís teve a maior decepção da sua vida.

Instantaneamente as lembranças do passado lhe invadiram.

Viu-se na ala infantil do hospital com uma emoção tão grande que fazia com que, em seu rosto, ostentasse risos e lágrimas.

Lembrou-se das vezes que cantou para ela dormir.

Das fraldas que ajudou a trocar.

Das mamadeiras que carinhosamente preparou.

Do orgulho que teve quando ela deu os primeiros passos. Das primeiras palavras que ouviu quase impossíveis de se entender. Engasgou ao ouvir algo parecido com “pai”.

Dos dias que mesmo sem dormir, enfrentava com alegria e só esperava a hora de retornar e curtir aquele encanto. Sentia, a cada minuto, uma forte “saudadinha” dela.

O primeiro dia que a levou à escola. A tristeza que sentiu ao se despedir e ver aquele rostinho tão meigo quase que implorando para não ficar sozinha ali. Precisava ser forte e parecer natural.

Deixou para chorar ao se afastar.

Que dor incalculável sentiu no coração.

Vê-la superar cada fase da vida era tudo o que queria. Tinha muito amor por ela. Nunca escondeu isso. Contava para os amigos cada fato novo. No rosto trazia o encantamento típico de pai apaixonado.

Quando nasceu o primeiro neto orgulhou-se ainda mais. Foi feliz. Amou demais aquela filha.



Contudo agora a situação era outra.

Vê-la dominada brutalmente pelos enfermeiros até adormecer com o medicamento aplicado machucava até a sua alma.

Onde ficou aquela pessoa meiga, linda e amável?

Olhava para a maca e sentia certa revolta, mas ao vê-la com a cabecinha inchada e cheia de hematomas o maior sentimento, ainda era, de amor.

A vontade de ajudá-la prevalecia. Contudo, agora não dependia mais dele.

O diagnóstico sairia no dia seguinte.

Ao anoitecer voltou para casa. Novamente ela o fez não dormir. Mas desta vez foi por preocupação e tristeza. Talvez a pior noite que passou acordado.

Fechou os olhos e ouvia os gritos e os sorrisos dela quando menina. Chegava, em seus devaneios, a vê-la correndo e pulando para o abraço.

Que saudade sentia. Tempos bons.

Inesquecíveis.

Pôs-se instintivamente a rezar.

Deus o atenderia. Tinha certeza.



Epílogo do amor

Serei apenas a música de despedida.
Não chore. A história acaba aqui.
Deixo-te e vou-me embora.
Vês. Também choro

Não serei a lua coberta pela nuvem nua.
Não serei o caminho.
Apenas uma estrada de chão.
Que balança, machuca e quebra o coração.

À noite te verei em cada estrela.
Rezarei no quarto solitário e triste.
Distante estará vagando pelas madrugadas
O amor que não mais existe.

Interlúdio: Quando

Quando eu estudava lá na escolinha interiorana, ainda era um menino cheio de sonhos e de cabelos. Olhava o mundo e tinha certeza que conseguiria mudá-lo. De lá para cá a vida colocou algumas interrogações no caminho. Contudo, a saudade destes tempos é inevitável. Crescer é aceitar o envelhecimento.



Talheres

Não vou arrancar minha roupa para ser devorado pela ganância mercantilista e cinzenta da cidade.

Nem tão pouco adormecerei bêbado em algum viaduto abandonado.

Também não vestirei peças novas engomadas e com etiquetas consagradas.

Assumo meu “look” de camisetas detonadas.

Espero à porta do banheiro.

Não tenho pressa.

Entro só com o creme dental, não vou nem fazer a barba.

Não me importo em ser deselegante.

Se na fila estiverem idosos saio dela para ser gentil, não precisam saber o motivo.

É nisso que está Deus, não nas ostentações das imponentes Catedrais e nos vestidos de alto padrão que ali entram.

"Bem-aventurados os humildes de coração, pois deles será o Reino dos Céus".

A gratidão não se veste de vaidades.

Alimento-me da mais pura simplicidade, não me ajusto com tantos talheres.

Um sanduíche...

Por favor!



Nu em pelos

Siga contente, falante, adiante...
Ande de cabeça erguida
apanhe a margarida
dê boas gargalhadas
deixe risadas espalhadas.
Abrace a “rapaziada”
sorria para a vida
daqui não se leva nada.
Deboche das esquinas
siga no proibido
o ridículo também deve ser vivido.
Dê um sorriso para o tempo
abra a boca, coma o vento
dê a mão para o destino
picolé para o menino.
Estenda os braços para voar
e o coração para amar.
Desalinhe os cabelos
sinta-se nuzinho em pelos.
Lágrimas, só as tolas,
dor nem de cotovelo.
Se sozinho decidir ficar
seja a sua felicidade,
pois amor próprio
também é amar.

Interlúdio: Vivi

Vivi um tempo em que as pontes eram feitas de tábuas e energia elétrica era luxo no distante distrito de Pinheiro Marcado. Infância que deixou marcas e a certeza que a felicidade pede muito pouco.



Um dia depois de abril

Quando recebeu o convite pelo correio eletrônico interno, nem leu.

Não iria. Nunca gostou das festas da firma.

Antes aproveitaria o feriado e faria um programa mais a seu estilo.

Achava muito estranho que no dia seguinte destas festas, sempre aparecia alguém cabisbaixo, vindo dos recursos humanos, demitido e com a informação que as cervejas eram para todos consumirem.

Só mudou de ideia quando os amigos mostraram a ele que aquela seria uma festa diferente.

Haveria um duelo imperdível, uma atração muito especial. Acabou confirmando presença.

A chance de fazer uma grande descoberta se abriu estava ali, bem diante dele. Oportunidade imperdível pensou.

Dali para frente foi um dos grandes entusiastas na divulgação do evento e ajudou a torná-lo o maior de todos já feito na empresa.

Quando estacionou seu carro há duas quadras do local, por ter sido a única vaga que encontrou, sentiu que os objetivos de mobilização estavam amplamente atendidos.

Ao abrir a porta ouviu aquele barulho típico das grandes junções, dos grandes shows, dos grandes eventos. A música com volume exageradamente alto só aumentava esta certeza.

Adentrando o recinto acabou ficando mais ao fundo. Gostava de observar tudo. A música realmente era interessante e a iluminação apropriada tornava o ambiente festivo. Sem contar aquela algazarra típica. Ninguém entendia ninguém, todos falavam ao mesmo tempo.

Como de costume, chegou o horário marcado e nada de



começar. É incrível como sempre atrasa. Finalmente, às vinte duas horas e dezoito minutos, a luz do salão foi diminuindo até apagar por completo. Apenas um canhão iluminava o palco. Rigorosamente vestido entra o apresentador.

Figura conhecida da mídia nacional contratado para o evento.

Após os tradicionais senhoras e senhores e vocês são os melhores do mundo e outros puxa-saquismos, anuncia a atração esperada para noite.

A minha direita, com toda a sua vivência e experiência o Senhor Trabalho. Senhor “work”, brincou. O sujeito entra todo mascarado, todo cheio de razões, em uma das mãos uma CLT. Na outra, processos trabalhistas. Tinha patrocínio abundante nos calções. A grande maioria de centrais sindicais. Músculos reluzentes. Aparentando agilidade, faz alguns movimentos no palco e recebe aplausos e gritos histéricos de algumas jovens mais saidinhas.

A minha esquerda... A dengosa, a imprevisível, a indesejada: Senhora Preguiça...

Ela entra lentamente sobre fortes vaias e assobios de desaprovação. É interessante como estes ambientes transformam muitas pessoas em entusiastas.

Ele ali firme em seu propósito de fazer a grande descoberta.

Ao final do embate, que mais pareceu um massacre, se aproximou do Senhor Trabalho para tentar seu objetivo. E conseguiu. Perguntou:

-Senhor Trabalho, quem foi que te inventou?

Calma e educadamente ele respondeu. Uma pena que a barulheira do ambiente não possibilitou entender a resposta.

Uma pena.

É muito azar.



A noite tem prantos

A noite tem prantos,
Bijuterias
Desencantos
Agonias.

À noite, ainda assim,
É sedutora
Embala os sonhos
Do sonhador
E da sonhadora

Interlúdio: Ponto forte

Ao unir os seus pontos fracos formou um grande ponto.
Seria este seu ponto forte?



O Pequeno criador

Quando a fêmea ficou sozinha devido à morte do macho, passou a esconder-se na mata perto de um pequeno rio de águas mansas.

Todo final de tarde chegava ela.

Com gestos desconfiados comia seu trato e ia lentamente desaparecendo pelo costado da cerca.

O menino que lhe servia comida, muitas vezes a seguia. No entanto, nunca descobrira onde era seu esconderijo. Tinha medo de adentrar a mata fechada e ser notado por algum animal selvagem, que segundo ouvia, seria perigoso.

De manhã ninguém via a ave. O menino despertava e corria. Percorria o caminho da casa até o rio na esperança de encontrar, ao menos alguns ovos, num ninho, que pensava ele, seria bem ornamentado com folhas e palhas.

Um dia a ave não apareceu para a alimentação habitual. O menino ficou preocupado. Acreditou que ela deveria ter ficado no mato devido ao cansaço que era subir a ladeira que levava à casa da família. Porém, no segundo dia ele pensou que tivesse acontecido algo de grave.

Mal amanheceu o dia, se pôs a procurar. Jurou que não voltaria sem descobrir o que estava acontecendo.

Ouviu um barulho. Em seus olhos brilhou a esperança. Parou. Baixou a cabeça e viu por entre a mata pequenas aves. Aproximou-se. Sentiu-se muito feliz. Tentou apanhar uma, mas foi barrado pela mãe ave. Deixou todos ali e saiu em disparada. Entrando em casa abraçou a mãe. Entusiasmado pediu comida. A mãe disse que o café estava servido.

-Não, comida para os patinhos. Com o alimento para seus pequenos amiguinhos, sumiu na mata cantando e pulando.

Pura felicidade.



Quando chegou às margens do rio, mal pode ver aquela
unida família que descia pelas águas lentas. Chorando largou a
comida na água e abanou para os nadadores.



Voz

Voz que aproxima pessoas
Que de amor faz declarações
Que canta melodias boas
Para espantar solidões.

Voz que unifica o mundo
Na ternura da canção
Que toca a alma bem no fundo
Que provoca uma lágrima de gratidão.

Voz que faz o rádio viver
Que enaltece a fé
Voz que saúda ao receber
Que ao partir dá um breve até.

Voz silente na tristeza
Que na rua se pode ouvir
Que quer um pão para a mesa
De quem se humilha para pedir.

Voz grave ou aguda,
Voz gritada ou sutil
Voz que na memória gruda
Amadas vozes do nosso Brasil.

Interlúdio: Cardiologistas
Pretensiosos estes cardiologistas. Pensam entender de
coração. Tenham a santa paciência! Por acaso são poetas?



Não sabe de amor

Não sabe de amor, exceto se você já...

Ficou acordado a noite toda esperando um filho voltar da festa...

Adiou ou desistiu de um projeto pessoal para dar atenção aos seus pais, tios ou irmãos...

Sentiu a angústia intrínseca ao ouvir as histórias de um idoso, e ainda assim aprendeu com elas...

Chorou com o abandono e a tristeza de uma criança que nem conhecia e deixou de almoçar para alimentá-la...

Convenceu a família a deixar um cão de rua na sua casa por uns tempos... Tempo infinito.

Foi a um show sem a menor vontade apenas para ser parceiro...

Admitiu meio encabulado que se emocionou com o carinho de um amigo num dia em que estava de mal com o mundo...

Duvidou de Deus, mas nunca deixou de acreditar Nele e temê-lo...

Apanhou uma rosa e acabou não entregando a quem pretendia...

Escreveu e reescreveu mais de dez vezes um poema que nunca mostrou...

Ouviu músicas românticas para provar e provocar lembranças...

Sentiu saudade...

Sentiu saudades...

E sentiu mais saudades ainda de tudo o que viveu, pois, viver é construir a própria história, orgulhar-se dela e lembrar sorrindo quando as recordações povoam a mente. Não sabe de amor... Exceto se destinou algum tempo para vivê-lo.



Adornos

Você,
Corpo...
Em deleite.
Perfume de estrelas
Em adornos de enfeite.
Eu,
Espádice,
Copo-de-leite.
Dependente do teu aceite.

Interlúdio: Sucesso
O sucesso está ali, a um passo. Vai desistir agora?



Ternura

Aos poucos vou percebendo que o mundo a cada dia parece distanciar-se de mim.

Sempre fui meio à moda antiga. Nunca usei brincos, piercing e nem mesmo tatuagem me atrai.

Jamais falei algo como “tipo assim”, nem andei vestido de forma a mostrar minhas próprias cuecas. Não dirijo bêbado, nem frequento assiduamente festas ou baladas.

Ainda beijo o rosto dos meus filhos homens, abraço meus amigos, cumprimento as pessoas na rua, me preocupo e gosto delas. Valorizo o ser humano em detrimento de outros valores.

Não uso, ao escrever, linguagem de redes sociais. Costumo pedir licença para entrar e dizer obrigado pelas gentilezas e favores.

Ouçõ músicas, inclusive e principalmente, as mais antigas.

Ainda apanho em certas operações desta máquina chamada computador, pois prefiro conversar pessoalmente a falar com este interlocutor sem reações, sem rosto, sem gestos, sem sorriso, sem cara fechada, pois todas as fotos de redes sociais são de pessoas sorridentes. Sinto uma ânsia de olhar nos olhos, de ver o semblante das pessoas, de mostrar gratidão e ternura durante a conversação.

Claro que aprecio o progresso e as novidades tecnológicas, mas sem substituir velhos e bons costumes. Podem andar de mãos dadas o velho e o novo.

Reconheço certas nostalgias e devaneios que tenho, contudo prefiro romantizar as relações humanas, nada deveria



substituir pessoas, pois os presságios de amor devem sempre aquecer os corações de todos.

Não tenho dificuldade em pedir perdão quando erro, nem em admitir minhas saudades.

Vou pouco à igreja, mas nunca deixei de crer em Deus.

Amo a natureza e convivo bem com animais.

Fico fascinado com um sorriso ou abraço sempre sincero de uma criança. Escutando as pessoas mais velhas sinto que o futuro é logo ali.

Envelheço junto com este mundo que hoje parece não ser o mesmo.

Quanta pressa, quanta falta de educação no trânsito, quanto desamor. Enfim, quanta dureza nos corações humanos.

No fundo, acho que o mundo se mantém igual. Eu é que amoleci.



Pietá

Trago no rosto a expressão de Pietá,
Mãos vazias para mostrar,
Nestas noites em que só palavras voam,
E dos meus dedos brotam céus em desalinho,
Giro no quarto de chão molhado
Tropeço no escuro do caminho.
Nem sombras dos que me pediam
Para mais alto eu falar.
Nem pontes unindo sul e norte,
Nem em aquarelas recebo um olhar.
Lá fora só o vento melancólico e forte.
Mas há de haver um ponto sagrado
Onde o mundo possa ser ancorado
E viver em harmonia
O sonho pela vida sonhado.
Onde o sol bronzeie a pele
Onde a semente germine
Onde a realidade sorri.
E a vida, preciosa, se ilumine.

Interlúdio: Exatamente
Ainda que por um breve momento, gostaria de ser exata-
mente como sou.



Cafeteria

Percebo, a esta altura, que devo dar novo foco a minha vida.

O tempo me fez ter outra visão do mundo.

Não quero aquilo que não sou. Busco, neste momento, ser eu mesmo. Simplesmente eu.

Vou olhar a vida por todos os lados. Não só de frente.

Viver cada dia como único. Sem culpas internas e sem espaço para o pessimismo.

Minha força interior vai me erguer quando for preciso e a paz que tenho comigo vai me conduzir sem sustos.

Saberei lidar com pessoas negativas de energia baixa e mantereí minha mente distante das maldades deste planeta, pois, só assim, serei feliz com minha consciência.

Meu coração, clinicamente, sofre, mas vou controlar as emoções que lhe repasso para que suporte só o fundamental.

Até hoje busquei a excelência em tudo. Isso, como não opcional.

Agora chegou o momento de mandar para os ares manuais, cartilhas, regras, metas e objetivos que não servem para nada.

Não vou mais chegar na hora.

Propositalmente sairei sem explicar só para ir até à cafeteria.

Quero cantar parabéns. Abraçar os chatos. Beijar os feios. Almoçar com mendigos. Comprar de ciganos.

Dormir em hotéis baratos.

Rodar em estradas de chão.

Quero banho de riachos, fogo de chão, camisa suada, fogueira de São João, restaurante e motel beira de estrada.



Quero os amigos de fé, baladas em cabarés e, com sorte, carinho de mulher.

Dizer que gosto só para quem, de fato, gosto.

Degustar muito lentamente cada fração do amor e da sobremesa.

Andar a pé em meio à natureza.

Curtir a alegria e conviver com as tristezas.

Na memória mantereí só as fases boas da vida.

A lembrança dos bons amigos e amores. Estes nem o tempo nem à distância apagará. Emoções inigualáveis, registradas as demais não são essenciais.

Quero brindar, não aos melhores nem aos piores. Todos, neste mundo, somos bons e ruins. Brindar sem motivo, sem data especial sem nenhuma razão.

Brindar o reencontro. As chegadas. As partidas.

Brindar apenas por brindar. Brindar aquilo que de mais importante temos: Um brinde à vida. Um brinde, MINHA VIDA.



Não está aqui

Olhe esta velha foto.
Até já marcou de tinta o álbum.
Eu tinha entre doze e quatorze.
Sim, pode rir, faz tempo. Isso eu sei.
Os olhos vermelhos?
Era assim, os outros todos estão assim.
A calça do Chico! Que é aquilo?
Nunca mais soube dele...
Sonhava em ser piloto.
Naquelas árvores ao fundo tem um riacho.
Muitas vezes pescamos por lá.
O Juca, este alemãozinho aí, mudou-se ainda menino.
Foi para o Mato Grosso.
Ele não queria ir, mas o pai vendeu tudo aqui e foram.
Casou, teve filhos.
Morreu há pouco tempo num acidente.
A do cantinho é a Nina, irmã do Zeca.
Uma mulher linda! Eu era apaixonado por ela.
Nunca mais a vi.
Este outro retrato me faz rir,
É muito engraçado.
Mas a que eu procuro... não está aqui!

Interlúdio: Até

Até onde a vida alcança é pouco, quero ver mais longe.



O Fumantismo

Admiro incansavelmente o escritor. Este colega do dia-a-dia. Conta suas produções literárias com tal entusiasmo que me atija a escrever algo. Qualquer coisa. Se sair em linhas subtraídas chamo de frase, pensamento ou algo assim, se mais extenso chamo conto ou crônica.

Tarefa guerreira é escrever. Às vezes uma palavra atira-se em outra e quebra a muralha destruindo a frase. Não a recomponho. Se esta por ventura vier a ser tombada pelo patrimônio histórico literário, os historiadores que a reelaborem. Pior mesmo, e isto é o mais provável, se não tiver nenhum valor. É enrolar o papel o lotar o balde de lixo. Para mim há uma saída quando faltam palavras: ascendo um cigarro e elas emergem em meio a fumaça, mas e os escritores (ou não) que não fumam? Deve ser terrível. Talvez consumam "chicletes" ou sei lá o que fazem. Agora, uma coisa é certa: nada melhor que a fumaça do cigarro para trazer ideias brilhantes. Não importa se o pulmão está cancerígeno. Se a garganta incha, se o coração dispara. Afinal, o escritor não precisa destes em pleno funcionamento, sua tarefa é apenas escrever.

Portanto o escritor pode ser fumante. Se morrer jovem, ótimo. Se for vítima do cigarro, excelente. Não é mais fácil à obra fazer sucesso após a morte de seu criador?

Sem esquecer que na lápide orgulhosamente poderemos grafar no epitáfio: aqui jaz um "fumantista".

Então, fumemos colegas "escritorinhos". "Fumemo-nos mutuamente até o dia em que os críticos reconheçam este novo movimento literário: O "FUMANTISMO"."

Sátira publicada no jornal Diário da Manhã em 1986.



Sem metáforas

Feito menino atrás da bola.
Feito caderno indo à escola.
Feito pipoca pulando na panela.
Feito príncipe na busca da Cinderela.

Toco na pele cheirosa e macia
Da mais inspirada e sensível poesia.
E do verso balançado pela ventania,
Brotta sorrindo o mais belo cacho de alegria.

Sigo no sinal verde da vida.
Escrevo uma frase para nunca ser lida.
Bate a angústia intrometida,
Soa o sinal, é hora da despedida.

Interlúdio: Escolha
A escolha, por si, é sempre certa.
O resultado é que não é matemático.



Boate Azul

Romantismo nunca foi seu forte. Sempre preferiu a África selvagem a Veneza romântica e bela.

A beleza física é que a tornava atraente. Um corpo escultural. Equilibrado em salto agulha provocava suspiros. Uma mulher extremamente sensual e sexy. O cabelo longo não passava sem ser notado, ladeava um rosto perfeito e sorridente.

As palavras lhe saíam desbotadas; quase sem efeitos.

Trocou o estudo pelas aventuras adolescentes de menina rebelde.

Ainda muito jovem já desfrutava de elogios e apreços generosamente sedutores.

O primeiro namorado pouco significou. Não correspondia aos seus impulsos e anseios.

Mais tarde, ao reencontrá-lo, protagonizaram um beijo tão eloquente que lembrou o casal apaixonado de Casablanca. Contudo o romance não progrediu.

Assustado com o comportamento da moça, o menino pegou um voo e foi visto desembarcando no Charles de Gaulle no cinzeno inverno parisiense de 76.

Jovem, sentia-se invencível, despreocupada e muito acima de certos valores morais da sociedade. Era linda.

Sonho de consumo de muitos marmanjos. Sabia como poucas usar isso a seu favor.

Assim havia quem lhe pagasse as despesas de alguns luxos e extravagâncias.

Entre romances e aventuras contabilizou lucros e perdas e considerou positivo. Amou alguns, foi amada por outros.

Foi se acostumando a ver isso como uma vida ótima e intensa e em pouco tempo estava mergulhada em minissaias e shortinhos extravagantemente pequenos.



Aos vinte e cinco senti que já não tinha mais a mesma influência junto ao seu fã clube. Teve pela primeira vez certos medos e uma queda na autoestima.

Num sábado de outono, já quase sem amigos por perto, sentiu-se depressiva e triste.

Fez sua primeira viagem de ida.

Voltaram-lhe, em fantasias, as boas sensações, a alegria e a vida sonhada.

A esta altura, servia seu público na conhecida e cantada boate azul. Entre risos, fumo, bebida e luzes já não mostrava o mesmo ânimo para viver.

Não demorou muito para encarar, ao som sertanejo, o último programa da vida.

Sua passagem não foi como em Ghost. Não teve beijo de despedida.

Apenas partiu.

A passagem tinha comprado alguns anos antes.



Dois versos

Faço de sonhos os meus versos,
Opostos de mim que habitam o mesmo universo.

Se o primeiro é cinismo que beira a loucura
O segundo é feito de letras de candura.

Se um desfaz e deprecia
Segue-se o que exalta e alivia.

Antecipa-se aos olhos o que emociona,
Abrindo caminho para o que chora.

Grita alto o que interroga rebelado
Responde calmo o tolerante que me deixa silenciado.

Agiganta-se meu verso que é pedra na vidraça,
Se segura o outro que é de vidro e se estilhaça.

Cresce a ira do que me vaia e me critica
Entende-me o verso que me aplaude e me paparica.



Abre-se em cada linha o lírico de ternura explícita.
O mais grosseiro avança para fechar a lista.

Agressivo é o verso tenso que me desestrutura,
Mas o verso suave cava a sua sepultura.

O meu primeiro verso fala de amor.
O segundo... Ratifica o anterior.

Interlúdio: Lua
Se for a sua lua, não mate no peito. Domine, coloque no
coração e vibre.



Calças rasgadas

Bateram à porta dos anos oitenta ainda adolescentes. Cabelos estranhos, desejos na mala e bolso vazio. Começavam a entender certas rebeldias, costumes e hábitos desta década que para alguns foi perdida, para outros, muito marcante. Traziam na bagagem uma vontade enorme de matar as curiosidades e a fome.

Juntaram-se a outros tantos jovens nos primeiros movimentos pela democracia. Orgulhosos, de cara pintada, foram às ruas pedir eleições livres.

Nas noites que passavam na danceteria Cacimba Night Club, bebiam cuba libre e gim soda ouvindo Blitz, Cazusa, RPM... No Brasil o assunto era o primeiro Rock in Rio.

No cenário internacional o mundo conhecia a força musical de Bon Jovi, U2, Pet Shop Boys. Thriller tocava em todos os cantos do planeta. Madonna se tornava unanimidade.

Anos romanticamente alvissareiros em que a Columbia impressionava a todos em seu primeiro voo. A Argentina tentava defender as Ilhas Malvinas, Itaipu finalmente começava a produzir enquanto o muro de Berlim caía, pela paz. Chaves estreava no Brasil e E.T. ganhava as telas de todos os quadrantes. Junto com a esperança de um novo milagre econômico nascia o primeiro bebê de profeta brasileiro.

Foram anos românticos e rebeldes muito próximos, talvez, aos anos de Woodstock, da então geração paz e amor.

Sou saudosista deste romantismo marcante. Dos cabelos volumosamente longos, dos amores e roupas coloridas. Época em que se tentava mostrar rebeldia nas calças, propositadamente, rasgadas e nos tênis All Star eternos.

Nove semanas e meia de amor era cinema lotado com toda a certeza.



Tempos de quebrar regras, inovar, lutar pelo novo, mas mantendo sempre a doçura e a ternura tão própria de uma geração que foi à guerra lutar pela paz.



Reencontro

Algumas quadras à frente,
Numa esquina qualquer,
Ou no trevo de acesso
De um café casual
A gente, por certo,
Voltará ao luar.

Interlúdio: Capítulo

Talvez o mais complexo seja o último capítulo. Por isso tem-se tanta cautela antes de publicá-lo. Mas chega o momento em que é preciso concluir o livro da vida e saber até que página a própria história durou.



Pássaros da vida

Olhou encantado para o alto do parreiral.

Estava diante de uma genuína uva Isabel gaúcha tão bem amadurecida que lembravam a Nebbiolo. O clima favorável possibilitou um desenvolvimento espetacular tornando-as viçosas e lindas naquele ano. A associação com a uva italiana que tanto apreciava foi inevitável.

Fez-se adulto no tempo em que o vinho era feito de forma artesanal. Amassava-se a uva com os pés. Eram dias especiais aqueles que se ocupavam nos afazeres vinícolas.

Orgulhava-se do progresso, mas mantinha certa nostalgia em seus abundantes e fantasiosos pensamentos.

Repentinamente lembrou-se dela. Há tempos não à via. Contudo mantinha na memória o sorriso tão lindo, tão mágico e tão doce como o vinho suave. Nunca a esqueceu, nem esqueceria.

Por alguns segundos lembrou-se da forma que ela chupava a uva apertando-as nos lábios carnudos e adoráveis num gesto de gostosa provocação.

Jamais houve um adeus definitivo. Apenas deixaram que os pássaros da vida os consumisse como devoram os grãos maduros dos parreirais.

Despertou do pensamento alucinante e tratou de experimentar um cálice de vinho ali produzido.

Impossível saber quanto bebeu daquele tinto maturado. Deduz-se que foi bastante, pois no dia seguinte ele afirmava com certa convicção: Ela veio me ver. Estava encantadoramente linda como sempre.

Pode ter sido só um delírio, um sonho, uma ilusão. Mas o que importa saber a verdade se ela não faz feliz.

O que importa? Pensou.



Nada conta depois que o sonho acaba.

Lenta, mas decididamente, com o copo na mão caminhou para a pipa de Chardonnay.

Outro sabor, outra variedade, outra uva, outro vinho, mas os desejos mantidos de viajar em pensamentos felizes ao encontro da amada.

Queria uma noite longa para o tempo de felicidade, quem sabe, ser eterno.

Quem sabe...

Se a sorte ajudar.



Rei de copas

Trago o cheiro forte de incenso
Espalhado em meus perfumados pensamentos.
Ao longe, o barulho incessante de vento,
A lareira ofegante ainda aquece aqui dentro.

Na claridade deficiente avisto um vulto
A garrafa de vinho deitando-me insultos
Meu interno titubeia em total tumulto
Foge o menino, grita de longe o adulto.

Eu que não venci meu irmão para fundar uma cidade,
Não fui grandioso para estampar o rei de ouro ou copas,
Não bradei descobertas geniais na minha mocidade,
Nem naveguei, ainda que trôpego, pelos mares da Europa.

A água no vaso não impede que as rosas murchem,
Nas estufas da vida novas flores surgem,
Não vou deixar a vida no cofre trancafiada,
Sigo, mesmo que lóbrega possa ser a jornada.

Interlúdio: Bom seria
Bom seria a alma de janela abertas, com portas sem
trancas nem tramas e raios de luz junto ao vento, penetrando
nela.



Viagem de ida

Em pé escuto das minhas pernas um pedido comovente de clemência.

Lembro a elas que odeio perder. Exijo delas toda a superação imaginada. Que busquem a última resistência e fiquem firme. Elas sempre acabam concordando.

Em minha frente cabeças alinhadas em tamanhos diversos lembram o traçado de um eletrocardiograma.

O barulho polui sonoramente o ambiente. Batem em meu ombro. Pedem-me um troco.

Finjo não perceber. Disfarço olhando o infinito como se estivesse extremamente concentrado. Pelo canto dos olhos percebo que ele me olha por alguns segundos e vai.

Mais ao fundo da fila um homem reclama da espera em voz alta. Sinto vontade de ir lá dar um sopapo em sua orelha. Tanto barulho e ainda um idiota gritando. Em minha frente duas mulheres alheias a tudo falam sobre a noite passada.

Quando olho para cada rosto sinto diferentes angustias. Expressões de todos os tipos. Risos, seriedade, ânsia, tranquilidade...

O ser humano e suas diversidades tão presentes no dia a dia.

O malandro oportunista chega e vai oferecendo doces. Outro oferece relógios.

Do bar ao lado risos descontrolados de bêbados animados.

Na escada de acesso a matriz um sujeito com pinta de quem vive pelas ruas canta alguma coisa que seria engraçado se não fosse a única forma dele chamar a atenção e de ser visto por uma sociedade que o torna invisível.

- Com ela encontrei meu inferno quando busquei o pa-



raíso.

É só o que consigo entender. O suficiente para me fazer lembrar uma música triste de Eric Clapton que tem um verso meio parecido:

- Você saberia o meu nome se eu te visse no paraíso? (Tears In Heaven)

Um pouco à frente da escada um homem baixo, de terno preto, tem uma bíblia nas mãos, mas parece não se importar com o cantor da escada. Permanece ali, estático e indiferente.

O sol agora se escondeu atrás dos prédios, apenas uma réstia entre o Teatro e a Academia de letra ainda pode ser vista.

Um celular toca.

Demoro a conseguir ver de que altura da fila surge o alô mais alto que alguém já falou.

Todos ali agora sabem que o Mateus está melhor, era impossível não ouvir o gritão ao telefone.

O cantor da escada continua tentando:

- Todos os sonhos que plantei, nenhum nasceu, Ah! Meu sonho nunca floresceu.

Esqueci meu lugar na fila e fui abraçar o cantor anônimo.

Talvez o mais acolhedor abraço que já recebi. Entendi envergonhado naquele instante que temos que ser muito mais amantes dos nossos semelhantes.

A fila andou. E daí. Volto e fico no final dela.

Nunca saberei se minha viagem tem volta. Por enquanto aguardo só a ida, e o ônibus ainda não chegou.



Que seja suave

Que seja suave o amanhecer,
Que traga na brisa gosto de prazer.

Que seja suave o amor que te molha,
Que traga brilho para o horizonte onde olha.

Que seja suave o ar da tarde tua,
Que me traga o prazer de te avistar nua.

Que seja suave o beijo chegado,
Que tenha gosto de sorvete roubado.

Que seja suave a noite enluarada,
Que tenha cheiro de mulher perfumada.

Que seja suave cada toque arrepiante de carinho.
Que seja suave, mas não seja vinho

Interlúdio: Alma

A alegria pode ser a alma da vida, contudo muitas vezes
temos que sobreviver sem alma.



Não salvar

Aquela clicada em “não salvar” pôs todo o trabalho da manhã por água abaixo. Pior que não foi a primeira vez - Shit.

Não iria refazer – não mesmo.

Sorte que o tapa pegou no meio da tela. O computador permaneceu inteiro. Mas o resto do dia foi de branquear o cabelo de raiva. Justo este que tinha ficado perfeito:

- Ô se tinha.

Até tentou buscar na memória o básico do que tinha escrito. Pouco lembrou além da parte onde ela, já na ala feminina do Madre Pelletier tinha assumido o romance com a parceira de cela.

Faltava-lhe a certeza de como ela tinha acabado na penitenciária.

Se estivesse certo, ela tinha matado o Alemão com um golpe de taco de snooker na noite do natal de 2008.

Apavorada escondeu-se nos fundos da casa, mas os policiais na primeira investida já a avistaram.

Além de prendê-la acabaram com o pé de chuchu que cobria a cerca. No dia seguinte Dona Inácia, proprietária do prostíbulo, vasculhou o terreno, mas não encontrou nada que pudesse ajuda-la na defesa.

Na primeira audiência alegou legítima defesa, mas a acusação trouxe uma testemunha chave que derrubou esta hipótese.

O advogado, naturalmente, recorreu. Mesmo que livrá-la seria impossível, tentava a pena mínima prevista por lei.

No presídio Samantha não se encontrava consigo mesma. Sentia-se frágil. Sofria ameaças de toda ordem. Por ser uma mulher atraente despertava inveja e desejos nas próprias cole-



gas.

Em busca de carinho e segurança aceitou a aproximação de Lorena.

Aliás, não demorou muito para todas ficarem sabendo disso. Um programa de TV propôs entrevistar o casal – Lorena concordou – e assim fez. Samantha ficou chateada.

Sabia que já tinha dado um final para as duas, mas já que perdeu tudo o que escreveu podia mudar.

Estava convencido por si só que deveria retomar o texto, refazer com o pouco que lembrava e criar as outras partes.

Poderia uma delas matar Odete Roitman. Assim finalmente o mistério seria desfeito.

A cabeça a mil já bolou o final para as duas. Riu feliz da vida.

Ligou o PC, reabriu a página e decidiu escrever primeiro o final para não esquecer. Elas iriam...

Putá merda, pensou, preciso saber como faz para salvar automaticamente.

Foi para o Google tentar descobrir.



Inseguranças e medos

Se eu tivesse tido tempo de saber qual o seu prato preferido
Hoje eu faria para você.
Se eu tivesse tido tempo de saber qual a sua sobremesa preferida
Hoje ela estaria à mesa.
Se eu tivesse como,
Hoje iria com você na sorveteria.
Qual seria teu sabor predileto?
Poderíamos pedir dois de framboesa?
Hoje traria para você o mais lindo buquê de rosas.
Da tua cor preferida. Qual seria?
Se fosse possível,
Estaria na tua página na rede social
Parabenizando-te.
Que tipo de postagens eu viria por lá?
Como estaria teu rosto hoje?
De qualquer forma eu te encheria de beijos.
Que roupas você estaria usando?
Que caminhos meus te fariam feliz?
Que músicas te colocariam com olhar contemplativo?
Que tom de voz usarias ao falar comigo?
Nunca tive e nem terei estas respostas.
Contudo sei que mãe quando parte muito cedo,
Deixa com os filhos seu amor para que suportem e superem
Certas inseguranças e medos.

Interlúdio: Sonhos

Os sonhos é que nos fazem sorrir, a realidade não, ela é
sisuda.



A última lambreta

Descia pela ruazinha de terra e pedras. Magro, leve, parecia feito sob medida para a lambreta.

Era uma época em que os empregos do sonho, nesta região, eram de motorista do caminhão do leite ou da Kombi escolar, ou este dele, em que passava nas pequenas propriedades vacinando o gado.

Naquele dia ele chegou mais calado, estranho. Percebia-se que algo não estava bem. Após almoçar fartamente passou a comentar suas angustias. Tudo mudaria. Estavam tirando as lambretas de serviço e colocando as Turunas.

Olhando para aquele ser falante e tão minúsculo, fiquei impressionado com a sua decepção. Definitivamente não aceitava ficar sem “lambretear”.

Lembro que em certa ocasião, após uma queda e com uma forte batida na cabeça, perdeu um pouco a lucidez. Naquele dia, chegou meio confuso, salgou o café ao tentar adoça-lo. Fez uma frase que eu nunca mais esqueci: “Se é no sábado, todos sabem que é domingo.” Exatamente assim se pronunciou. Uma frase, para mim, símbolo da confusão mental que estaria passando, mas agora visivelmente não era isso. O entusiasmo surgia ao falar da velha lambreta. Algo impressionante. Não parecia ter nenhum “parafuso a menos”.

Na hora de ir embora, vi que falava que nunca mais veríamos uma lambreta. Que aproveitasse aquele dia.

Indignado, parecia mesmo que estava para cometer o suicídio, pois disse que sairia de todas as formas de convivências sociais. Disse que iria se esconder, que não daria mais notícias. Nunca vi alguém tão indignado por tão pouco.



Fiquei com aquela imagem dele subindo pela estradinha e dizendo: Nunca mais. Aproveitem a última lambretinha. Nunca mais saberão de mim. Nunca mais, nunca mais...



Solidão e medo

Olhei a torre em meio à neve,
Eu estava só na cena.
Na mente algumas notas
Melódicas ainda ardiam.

O mar silenciado pelo gelo.
Europa fria a me doer,
Meu mundo congelado...
Tudo em volta tão triste,
Nada de banho de chuva,
Nada de ciúmes da tua roupa,
Nada de arrancar suspiros como na canção.

Só... Solidão e medo.

Eu e você
Agora éramos tudo o que
Prometemos nunca ser.

Paris estava cinza
Nada mais da beleza outonal,
Parques vazios,
Tudo perde a graça
Se por dentro não está igual.



Fecho os olhos,
Na mente um filme,
A certeza a lembrar-me
Que para ser belo
Tem que haver um sorriso motivado,
Senão o brilho da vida fica amarelado.

Interlúdio: Se
Se a vida, menino, não tivesse passado,
Que outro caminho teria desbravado?



Um minuto de angústia

Nestes dias em que a chuva teimosa umedece a rua, fico a observar as pessoas correndo, lamentando os pés e a roupa molhada, o atraso, a possível gripe.

O céu parece enraivecido, todo coberto e fantasiado de escuridão. Aqui debaixo o fitamos no desejo de ver o sol, todo poderoso, penetrar nele, rasgando a máscara e alegrando os seres terrenos.

Neste vago cotidiano, onde nós, frágeis humanos buscamos dia após dia, um lar, uma casa para morar e ver na vidraça as gotas caindo e ficar ao redor do fogo aquecendo e alimentando a esperança, qualquer que seja contida em nosso interior.

Mas quando a água é demasiada, chega até nós um medo, um pavor, uma insegurança e, em nossos assombros vimos muros caindo, casas desabando, pessoas fugindo de barco, outras morrendo afogadas.

É tempo de cheias, de barro bastante, mas até mesmo nestas épocas há muitas pessoas completamente vazias. É bom, mesmo assim, sentir a emoção de ver uma criança pisar descalça no barro da rua, ver o velho evitá-la. É agradável fechar a porta quando a noite chega e adormecer, ouvindo o ruído lacrimoso das goteiras. Há os que nem dormem. Preferem acalantar noite a dentro um sonho qualquer, mas que, necessariamente não se pode dormir. Seria ótimo ter certeza que, com chuva ou sol, o dia seguinte fosse de igualdade, de justiça e de realizações.

Neste dia chuvoso me deparo acidentalmente com uma cena angustiante.

Eu ia para casa, de certa forma, realizado, porque chovia. Na calçada, vi em minha frente, um corpo adormecido, exalan-



do um cheiro forte de álcool. Pensei no conforto, na alimentação, naquela sensação gostosa que sentimos quando acordamos de madrugada com frio e reforçamos as cobertas. Pensei que ele era gente que vivia como bicho, lembrei-me dos muitos animais, por nós alimentados e cuidados com tanto zelo, enquanto nas calçadas fétida seres humanos são pisoteados e servem de alvos para gozações.

Naquele instante tive um ímpeto de pena, mas fui incapaz de fazer algo, me faltaram gestos e até as palavras.

À noite sonhei que junto à chuva havia uma suave melodia e todos compreendiam que os homens sobrevivem a tudo, exceto a solidão das noites e a conseqüente falta de afeto. No outro dia tudo continuou igual. Mas de sonhar ninguém, por mais influente que seja, irá me proibir.



Protagonize

Pegue o vento com as mãos.
Comprima, encha e solte o balão.
Dê mais altura à pandorga.
Finja que hoje é tua folga.
Cante qualquer besteira.
Apanhe a flor na roseira.
Vibre com as conquistas.
Aceite outros pontos de vista.
Prove a comida,
Elogie a cozinheira.
Passe pelo muro de cabeça erguida.
Não tenha ganâncias descabidas
No espírito é que está a nobreza.
Preserve-se e a natureza.
Deixe recados.
Diga que ama.
Sinta-se amado.
Pule sobre a cama.
Não esconda que sente saudades.
Não tenha vergonha da felicidade.
Nem tudo é tão sério,
Preserve só alguns mistérios.
Protagonize a própria vida
Por você que ela quer ser gerida.

Interlúdio: Jogo

A vida é um jogo que gira. Ou você entende e joga, ou
então pira.



É você

Ao longe já ouvi gritos.

Em meio à vegetação avistei a junta de bois puxando o arado que ele, como num desafio razoavelmente radical, tentava segurar sem ser atingido pelas pedras e tocos do caminho.

Olhei firme em sua direção. Tinha a pele dourada pelo sol mesmo estando protegido por um enorme chapéu de palha. Um homem bonito. Alguns traços marcantes no rosto que o deixavam ainda mais lindo.

A calça remendada além de ser um indicativo de dificuldades financeiras era, acima de tudo, a informação que eu estava diante de uma pessoa simples e humilde.

Uma enorme sensação de ternura percorreu meu peito. Senti vontade de abraça-lo fortemente. Contive-me. Apenas o cumprimentei a distância.

Antes ouvi um “ô, ô, ô”. E os animais pararam. Secou o suor da face, ergueu a cabeça, meio desconfiado retribuiu com um baixíssimo “opa”.

Na fração de segundo em que esperei para me apresentar, ouvi o barulho de águas. Depois soube que logo abaixo, em meio a mata, corria um límpido riacho.

No final do dia mergulhei em suas águas cristalinas e meio frias. De dentro dele se tinha o privilégio de contemplar enormes árvores que avançavam seus galhos sobre o rio e as frutas atraíam, ao cair na água, grandes cardumes de peixes aproveitando o alimento.

Ali, o ar era muito puro, leve e agradável.

Percebi, nas margens, vestígios da presença humana, mas ainda assim tudo muito preservado. Moradores da região vi-



nham à noite tentar pescar alguns distraídos jundiás. Pelos pequenos detalhes percebe-se que havia sim a preocupação com a preservação ambiental.

Diante daquele homem de traços de lutas e trabalhos estampados no rosto eu me senti um privilegiado por viver na cidade com outra família. Deveria ser muito penoso enfrentar o dia a dia desta forma.

Mas não vim até ele para voltar sem o objetivo estabelecido amplamente superado. Era preciso falar.

Olhei nos seus olhos claros cobertos por sobranceiras enormes. Busquei em mim uma injeção de adrenalina e coragem. Olhei meus pés já marcados pela terra, respirei fundo e deixei o cheiro mágico da terra lavrada adentrar a alma.

Que esquina a vida me coloca... pensei.

Senti que não conseguiria me pronunciar, meus olhos me denunciaram. Minha fragilidade inundou a lavoura. Ceguei por um momento.

Por sorte nada precisei dizer, Deus me poupou. Senti um abraço carinhoso enquanto escutava a frase que eu mais esperei até então:

-É você, meu filho?



Velhos arquivos

Escuto um poema falado,
mergulho em mim extasiado
tão recente... tão passado.
Ao fundo uma música conhecida
que balança a sensibilidade
já abalada nesta idade.
Procuro em velhos arquivos
minha poesia mais linda,
tempos que me sentia poeta,
acho que eu nem tinha nascido ainda.
O mundo para mim passou,
hoje sou papel amarelado
de um poema obsoleto e mal acabado.

Interlúdio: Jornais velhos

Com a rapidez nas informações, hoje em dia, tenho a
sensação que todos os jornais impressos que chegam cedinho,
são sempre velhos.



Prefiro

Prefiro pessoas que tem o mesmo sorriso na frente ou atrás das câmeras.

Que sentam comigo a mesa mesmo sabendo que não tenho como pagar.

Que mesmo preferindo a areia não me impeçam de entrar no mar.

Gente que estende e aperta a mão com vontade.

Que tem brilho nos olhos e na alma e vive sem ostentar.

Que se ajusta ao ambiente sem mudar o humor.

Que abraça o porteiro, o manobrista e o mensageiro com a mesma intensidade com que abraça o doutor.

Gente que tem a senha dos sentimentos tatuada nas suas ações.

Que são inteiras em qualquer situação.

Gente iluminada que quer te ver feliz de verdade.

Pessoas queridas que valorizem a simplicidade da vida.

Que levam e te dão um pouco de vida.

Gente... Nada mais.

Interlúdio: rosas

Não mandarei no teu endereço levar
Nem trago, para você, rosas na mão.

Por saber onde sempre vais estar
Entrego-as direto ao meu coração.



Como um tango

Suave e leve como o pouso da borboleta
a brisa cobriu a vida,
embaçando o vidro cristalino.
Pela fresta da janela
o vento vira a página do livro aberto.
Cheiro de flor penetra em minhas narinas.
Alguma deve existir por perto
além do ipê florido que desapareceu.
Ao longe um latido
acompanha a imaginação
romper o véu e sumir.
Ancorado sou escondido
pela minha respiração
esbaforida na vidraça.
Dia agourento
pesado e cinzento
passando...
Se tivesse trilha sonora
seria melancólica e
triste como um tango.

Interlúdio: Porta

Nada pior na vida do que encontrar a porta aberta e não
ter vontade de entrar.



Viver é uma experiência incomparável

Vamos deixando um tanto de nós nos sorrisos que distribuimos, um pouco de amor mesmo nos mais breves romances, um tanto de confiança em cada melhor amigo que as fases da vida acabam escolhendo. Um tantinho de agradecimento aos ingratos que tornam possíveis certas comparações e que criam certos medos bons até nas manobras mais seguras que vamos tendo que fazer.

Adquirimos uma porção de experiência em cada passo que temos que dar e isso possibilita entender que caminhando nos tornamos maduros, mas nem sempre velhos.

Ficamos, também, com um pouco do abatimento, é preciso dizer, em cada rosto triste que fitamos no dia a dia, mas isso é para vermos que sorrir pode ser mais benéfico.

Quanto a mim, deixo um pingo de essência em cada poema que escrevo e que talvez só eu sinta, contudo, isso me permite entender de quantas sílabas métricas se faz uma existência de versos livres.

Mesmo que eu tenha sepultado um mínimo que seja da minha própria alma junto a cada amigo que partiu, e nas minhas próprias partidas, continuo vivo e o melhor: vivendo.

Deixo (me permitam) um naco de amor a cada um que entra em minha trajetória, pois não se vive de acasos e no amor - em todas suas variantes - Diz-se pouco e sente-se muito.

No fundo, me atrevo a dizer que somos todos diversos e, ao mesmo tempo parecidos em humanidade, pois dentro da sensibilidade de cada um vamos moldando-nos no íntimo e quem mais sensível for mais intensamente vive.

Não devemos nunca buscar a bandeira da felicidade em nenhum lugar fora de nós pelo simples motivo dela não existir.



Seria uma grave ilusão, é dentro que ela está, é de dentro para fora que nascem os sorrisos mais lindos e os momentos mais marcantes.

Abra-se e viva feliz.



Naftalina

Vestiu-se cheirosa de naftalina
No âmago um sonho dos tempos de menina.
No toca fitas o som da ilusão
Um gosto frio de café.
Um ruído sem refrão
Cheiro mofado de cabaré.
Uma algazarra de todo lado
Lábios duplamente avermelhados
Fumos da sala pelo ar espalhado.
No armário suas nove horas.
Uma voz bêbada e um trocadilho hilário.
Teve o remorso corroendo
Frustrou o sonho de ser amada
Suicidou-se tanto
Que acabou morrendo.

Interlúdio: Diferentes

No fundo somos todos diferentes e ao mesmo tempo parecidos em humanidade, pois dentro da sensibilidade de cada um molda-se o íntimo e quem mais sensível for mais intensamente vive.



Colorau

Guto andava muito impressionado com os peitões apetitosos da Fer.

Bastava ela chegar perto que ele ficava desconsertado, sem jeito e até constrangido.

Tentava ser discreto para evitar que outras pessoas notassem, mas no pensamento viajava e sonhava até em casar-se com ela, “ter dois filhos e um cachorro”, (eca)...

Havia decidido cantá-la na primeira oportunidade que surgisse. Queria sair daquela situação meio platônica e, como ele mesmo pensava, partir para cima dela.

Aproveitando a festa ele a fitava direto, discreto, mas atento.

Precisava esperar um momento em que ela se afastasse do grupo para agir.

- De hoje não passa, chega a falar para si mesmo.

O dia ia passando e nada. Conferia o relógio e constatava que já passava do meio da tarde e se bobeasse não cumpriria o pretendido.

Pensava até em tomar umas geladas para facilitar.

A tarde tinha música de bandinha, pessoas dançando e as mulheres viúvas de maridos bêbados dançando entre si. As mais desacostumadas ficavam de pés descalços para relaxar o inchaço. Guto, desconcentrado pela menina, só observava o ambiente.

Ao vê-la sair do salão paroquial e entrar na igreja que ficava bem ao lado, fez o mesmo. Ficou com ar de professor Girafales ao avistar Fer próxima ao altar.

Aproximou-se, tentou conversar meio monossilábico.



Fer, boa de conversa (e algo mais) puxava assuntos e mais assuntos, falava com facilidade e tornava as coisas mais fáceis.

Guto nunca saberá ao certo o que falou neste tempo em que só conversavam.

Lembra perfeitamente do beijo e de ter feito uma única pergunta a respeito dos seios dela:

- Silicone?

- Imagina, toca para você ver.

Tonto com o convite ele tocou levemente com o dedo indicador.

Destemida, Fer pegou a mão dele e colocou embaixo do próprio seio

- Assim ô.

Com o rosto parecendo um pacote de colorou sentiu como se estivesse com um pudim de leite condensado na mão e sem coragem para degustá-lo. Era o troféu desejado e agora não sabia o que fazer com ele.

Totalmente sem jeito pediu um tempinho.

Em passos largos deixou a igreja, a porta fez aquele tradicional rangido enquanto o vento a empurrava forte de volta.

Se afastando ouviu a pancada mais covarde da sua vida. Certo alívio também.

Talvez não nesta ordem. Que caminho tomou ninguém sabe.

O que é público, sabido e notório é que os peitos de Fer continuam atraentes... Muito atraentes.



Madrugadas verdes

Eram tempos ocultos,
Protegidos em codinomes
davam a noite um perfume exclusivo.
Cheiros sempre alusivos
momentos de se ler em livros.
Amigos, mulheres e homens.
Era um mundo de paz escondida,
de aluno virar professor,
de ruas desertas e gritos descompromissados,
de sonhos acordados,
de soldados alienados,
de desejos enfileirados,
de madrugada verdes e silenciadas,
de serenatas até onde a voz alcançava,
de vilões com seus violões
de militares chegando feito assombração,
tempo em que se ria sem emoção.



Quanto vale um homem?

Não “essezinho” que se emociona

Com uma despedida, com uma partida inesperada.

Não este que vai às lágrimas ouvindo músicas, vendo filmes ou lembrando alguns momentos vividos.

Esse não, esse não conta.

Afinal! Isso é risível (para não dizer ridículo).

Digo homem MAIÚSCULO.

Que não tem medo de magoar alguém.

Que se dá bem na vida independente da forma.

Que mantém a neutralidade diante das malesas do mundo. Que não se deixa levar por estas “bobagens” da vida.

Falo do homem que não vê beleza num por de sol, num céu estrelado. Que não contempla o mar com um olhar de admiração.

Esse sim é forte.

Quanto vale?

Quanto vale o homem que não se abala nem se sensibiliza, não tem lágrimas, não precisa de um abraço, não sente saudades?

Que valor terá depois que permitiu que as coisas ásperas da vida acabassem com sua capacidade de sentir?

Prefiro acreditar que tem maior valor aquele que permite ser medido pela sua capacidade de se emocionar, pela sua emotividade, pela sua vulnerabilidade, pelos seus sonhos, pela sua humildade, pela sua fragilidade e, principalmente pela sua humanidade.

Certamente este tem muito mais valor. Ao menos eu creio nisso.



Túnel

O dia tinha olhos de nunca mais
e nuances de caminhos escuros.
Ângulos desconhecidos
de um túnel sem fim.
Contudo, não dá para fraquejar
nem fechar as portas do entendimento,
muito menos correr angustiado e vazio,
pois não se pode represar, na vida
o próprio rio.

Interlúdio: Medito
Medito já sem voz... onde encontrarei, neste mundo
algoz, um poema para morar?



Chalé de Embaú

A areia que entrava nos chinelos provocava uma sensação desagradável.

Melhor segurá-los nas mãos até voltar ao chalé. Assim pensou. Assim fez.

Uma rua estreita. Os carros tinham dificuldades em se desviarem. Parecia estranho como havia mato em suas margens. Estranho, justamente por estar tão perto do mar.

Caminhou observando e admirando tudo. Parecia diferente agora ou será que nunca tinha estado ali?

Bem pouco a frente já começou a sentir o cheiro da maresia.

Mas não só.

Misturados a ele sentiu também um cheiro gostoso de espetinhos sendo preparados... de dar água na boca. Que fome sentiu naquele momento. Agora tinha certeza:

Em outra oportunidade devia ter estado no local. Talvez na sua vida anterior, talvez num sonho. Não sabia, mas a sensação era de familiaridade com o lugar.

Muitas e boas recordações certamente tinham se fixado na sua mente. Talvez a comida - churrasco, arroz, saladas, sorvete - Enfim, quantos “enfins” tomaram-lhe a mente.

Agora só buscava, no íntimo, um passado iluminado que quicá nem viveu.

Bom.

Bem bom.

Os pés doíam.

Entrou no primeiro restaurante que encontrou. Olhou para os lados procurando alguma indicação de preços.



Precisava economizar. Precisava e por isso continuou com fome.

Avistou a sorveteria e pensou que ali, provavelmente, estivera.

Esboçou um pequeno sorriso meio contido.

Não por mais de alguns segundos, pois havia o mar. Límpido, manso e convidativo.

Sem vontade de mergulhar apenas sentou à beira da praia.

A beira da vida.

A margem da alegria.

Sentou-se a sombra de um pretérito de desconhecidas emoções.

Falante, o barqueiro conduzia banhistas para a margem do mar passando calmamente pelo Rio da Madre. Parecia feliz. Voz alta, sorriso fácil. Contudo ninguém conhece o íntimo das pessoas, seria real o que demonstrava?

Levantou-se.

Pagou e foi conduzido mudo para a beira do mar azul.

Em cima das pedras contemplou o céu com vultos sugestivos.

Sentiu nas veias a adrenalina povoando o sangue.

Abaixou-se. Contemplou o infinito misterioso. Soltou lágrimas salgadas que ao caírem invadiram o mar.

Que fiquem também entranhadas com a areia e que ela as guarde, pois brotaram do fundo do coração e escorreram pelos olhos nus nas águas quentes e inesquecíveis da beleza, da emoção e das realizações.

Bela Embaú. Quantos mistérios estarão guardados em sua história e suas paisagens?

É muita beleza para uma vida só.



Maré

A maré respira.
Afogue-se.

A maré faz barulho.
Dê um mergulho.

A maré está agitada
Dê boas gargalhadas.

A maré acalmou
Ame, ame, ame. Amou?

A maré está baixa,
Não se preocupe.
Relaxa!

A maré te levou
Navegue, navegue, navegue...
Navegou?



Miçangas

Ouvi a mulher do lado da minha casa gritando para a filha que estava entrando no carro já do lado de fora da grade:

- Não se esqueças das miçangas.

- Tá mãe, pode deixar!

Na hora nem prestei muita atenção. A vizinha sempre fica gritando com alguém que passa na rua, com o papagaio, com os cachorros... já nem ligo, me acostumei com a baderna que ela faz. Sorte que é separada, se não, gritaria, certamente, com o marido também.

Teve uma ocasião em que ela estava muito braba com a Luana que havia comprado umas coisas da Natura e, depois de sessenta dias ainda não tinha pagado o devido valor.

Eu estava chegando à minha casa e desci para abrir o portão, ela da janela da casa dela começou a reclamar da Luana. Parecia que eu era sabedor da história. Fiquei olhando para ela sem interrompê-la. Coloquei o carro para dentro, fechei o portão e ela continuava a falar. Aí tive que ser meio ríspido:

- Não sei do que você está falando vizinha e outra coisa: quer falar comigo será bem-vinda a minha casa, pois prefiro que a conversa não seja compartilhada com todos os moradores do bairro.

Olhou-me com um ar de espanto. Acho que ela caiu em si e me pediu desculpa.

Mulher expansiva é ela, deve ser por ter a necessidade de se achar importante de alguma forma.

Mas voltando ao assunto, minha mente foi processando aquele grito: miçangas, miçangas, miçangas. Fiquei muito curioso. Mas afinal o que são miçangas?



- Ok Google. Miçangas?

Miçanga: Substantivo, feminino singular. Cotas de vidro, variadas e miúdas.

Conseguí piorar um pouco. Agora mesmo que embara-lhou tudo. Cotas de vidro miúdas...

Que diabo é isso?

Se a filha da vizinha vai comprar vou ficar à espreita quan-do ela chegar para tentar descobrir o que é - pensei.

Assim toquei a dia tentando esquecer o assunto. Mas, quem disse que consegui?

Cada pessoa que eu via me dava uma puta vontade de perguntar:

- Desculpa o atrevimento, mas sabes o que é miçanga?

E se for coisa feia?

Tantas vezes ouvi que de certas coisas não se pode falar por ser considerada coisa feia, e se miçanga fosse algo sexual ou discriminatório?

E se ofendesse a moral e os bons costumes da sociedade? E se fosse coisa do comunismo, aquele radical que come crian-cinhas?

Se bem que, penso eu, tem tudo para ser parte da alguma música do Roberto ou de dupla sertaneja. Ou seria a nova dan-ça do É o Tchan: “vou ensinar para vocês a dança das miçangas”

Sei lá, mas minha inclinação maior é pensar que seja um tipo de peixe.

Alguém da família dos muçuns que procria, principal-mente em pequenos rios, riachos chamados de sangas. Daí o nome. Miçanga: muçum de sangas. Parece razoável. Acho que vou meter a definição na Wikipédia. É perfeita, e coerente, é lógica. Talvez não seja certa, mas quem questiona as coisas que lá estão?

Duas vogais, quatro consoantes, três sílabas. Rima com tanga, manga, franga. Visto pelas rimas dá a impressão, real-



mente, que pode ser meio complexo o significado.

Decidi ficar na minha e não perguntar merda nenhuma. Não estou a fim de pagar mico. Hoje não, hoje não, hoje não. Sem essa de terminar como o Cléber Machado no... “hoje sim...”

- Tô fora.

Logo mais a noitinha quando a filha da vizinha chegar eu mato minha curiosidade. Vou me sentar na calçada. Tomando chimarrão e atento.

Ela vai trazer as miçangas para a mãe, vejo o que é quando ela descer do carro e pronto. Descubro de que se trata.

Pobre da vizinha se for alguma coisa proibida ou estranha. Terei prazer em fazer com que outros vizinhos saibam.

Nunca vi esta mulher se envolver com alguém, deve estar numa carência sem precedente. Será que pode ser...

Não, não deve ser. Esquece.

Ainda com um restinho de sol me postei, estrategicamente, ao lado da grade que dá para a rua e de frente para a entrada da casa da vizinha. Só esperar.

Uma hora, duas horas e nada. O mate que entra tem que sair. É a lei da natureza.

Levanto-me e vou ao banheiro. Justo hoje que era para ser rápido o chimarrão decide sair lentamente.

Encerro com apenas duas balançadas, isto é, abaixo da média, saio batendo a porta do banheiro, ainda fechando o zíper. Corro para meu posto...

Tarde demais, só consigo ver a porta da garagem se fechando e a voz dela:

- Vou deixar tuas miçangas no quarto, viu mãe!



Falta-me a loucura

Não forço a fechadura
Tenho medo...
Falta-me a loucura
Falta-me o hábito.
Gosto da última olhada,
Do barulho da chuva
Na preparação da partida.
Continuo pregado
Movimentos não me motivam.
Prevejo uma laguna enferrujando...
Sem merecer,
Sem glórias para viver.

Interlúdio: Fotográficas

Apesar de bonitas e modernas, estas máquinas fotográficas atuais não me agradam.
As antigas me fotografavam bem mais jovem.



Superlativo

Ainda farei um verso nobre,
Que seja leve como a folha outonal,
E saboroso como as frutas do quintal.
Que atropela do caminho a escuridão.
Que seja rápido como raio natural.
Que não tema a morte,
E que se acomode nos braços da vida e da paz.
Que seja superlativo como sonhos infantis,
E real como a geleia é.
Que seja a estrada da busca
E o melhor ancoradouro de destinos.
Que não tenha serventia se não puder ter,
Que não seja jardim nem rosas se não der para ser,
Mas que contemple em cada um
O fascínio encantado de um novo amanhecer.

Interlúdio: Como óculos
Tempestade dividida,
Oculta em um véu
Metade viu a chuva
A outra viu o céu.



Romãnzeiras

Entre o céu e o coração
Há pedaços ainda desconhecidos.
Romãnzeiras espalhadas
Frutos nunca comidos.

Entre o céu e o coração
Há milongas não dançadas
Sombras virgens inexploradas
Velas esquecidas e apagadas.

Entre o céu e o coração
Há crianças injustiçadas
Armas empunhadas a revelia
E almas silenciadas.

Entre o céu e o coração
Há um antro de arrogância,
Mas verte no ponto alto
Uma mina de esperanças.

Interlúdio: Poética

A arte poética é sempre um desejo, um sonho, uma
busca.
Quando vira fato já deixou de ser poesia.



Remo

Se o poema fosse barco
A caneta seria o remo
A folha seria o mar
E a poesia...
Seria como é.
Pois o poeta
Cria o cenário
Metafórico,
Imaginário
Como quiser.

Interlúdio: Tomou
Tomo(u)grafia
Transpirou poesia.



Um amigo

Eu não tive um bicho de estimação
Tive bem mais.

Nunca reclamei dos pelos na minha roupa
Eram suas digitais.

Tive foi orgulho dos seus resmungos
De alegria quando me via.

Eu não tive um bicho de estimação
Tive um amigo.

Interlúdio: Voa
Voa poesia
Bate teus versos
Iça o poeta
Às nuvens de inspiração.



Onde

Por onde entram os sonhos depois que fechamos a porta?
Eles são vivos? As intempéries não os atacam?
Onde vai parar o sereno quando não encontra as pétalas?
Os pensamentos esquecidos onde encontram abrigo?
Onde é o deserto dos amores perdidos?
E de nós mesmos, onde ficamos escondido

Interlúdio: Mote

O mote era:

“Não deixar morrer”.

Só não contavam com o suicídio.



Felicidade

Definir felicidade
Só em doses individuais,
Não a deseje de forma permanente
Aí é querer demais.
Oscila em antagonismos inesperados:
Vidros abertos ou ar condicionado,
Grade ou liberdade,
Café ou suco gelado,
Cabelos longos ou raspados,
Graduações ou não estudar,
Fidelidade ou aventura,
Humilhar ou afagar,
Bronzear-se ao sol ou refrescar-se na chuva,
Tênis novo ou surrado,
Perder peso ou comer o que tem vontade,
Pintar os cabelos ou mostrar a idade,
Correr descalço ou uniformizado,
Ser discreto ou se fazer notado,
Cartão sem limites ou dinheiro contado,
Dê o fora ou entre e fique à vontade,
Presença ou a saudade.



Se for o “bem-vindo”, fique.
Se for o “boa viagem”, vá.
Mais do que definir,
Escolha ser feliz já.

Interlúdio: Águas
Águas nascidas na mesma fonte, invariavelmente chegam ao mesmo destino.



Dividir

Podemos dividir a lua
- É cheia,
metade minha,
metade sua
sendo você inteira,
dela me basta meia.



Vaidade

Ontem cheguei tarde
Tu me censuraste
Não me justifiquei e
Brigaste.

Hoje você se atrasou
Mesmo assim te abracei sorrindo,
Tentando ser paciente
E calma fingindo.

Amanhã chegaremos os dois atrasados,
A hora então será esta.
Com todo seu orgulho dirá:
Que pontualidade!

Interlúdio: Dicionário
Bom seria o dicionário rever
Pois para mim
Amar
Vem depois de
Você.



Arranjos de algodão

Confeccionei um buquê de estrelas
com arranjos de algodão
nele coloquei a magia da lua
e fiapos da noite em cordão.

Um cartão com dedicatória
onde a poesia saúda a prosa,
pois nas metáforas da vida
estrelas podem ser rosas.

Interlúdio: Futuros

Sou nostálgico de todos os futuros que já tive.



Folhas secas

Insisto na tecla desbotada,
Deslizo à deriva - Nem perdido nem destinado.
Não importa onde estão as divisas
O que ficou para trás já percorri,
Nem a luz da ilusão permitirá repetir.
Ao meu grito segue-se o insano silêncio,
Saliento, me sento, me ausento.
Mesmo de alma limpa falta a paz,
Enterro-me já em ossos e pelos.
Minha carne não é para vermes
Se não tenho nobreza, tenho orgulho,
Sou superficial, mas também mergulho.
A eles ofereço minha indiferença
Que degustem - fartem-se iludidos –
De vocês eu ganharei - nada mais sei –
Cutucam-me as folhas secas
Envoltas à raiz que tropecei.

Interlúdio: Só
Distância é só um ponto de partida.





Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Moacir Luís Araldi é gaúcho, natural de Carazinho, mas residente em Passo Fundo- RS desde a juventude. Amante e entusiasta da poesia tem participações em mais de vinte antologias poéticas nacionais, como Mil Poemas para Gonçalves Dias, Antologia Nacional da AVL (Academia Virtual de Letras)

Em 2014 publicou seu primeiro livro solo pela editora Aldeia Sul com o título de Cabernet, um resumo de poemas guardados desde a juventude.

Escreve e publica no Projeto Passo Fundo: www.projetopassofundo.com.br e em seu blog: www.doisversos.com e em outros sites literários nacionais.

“Por vezes pintava cenários extremamente românticos e, em sua mente, cenas de amor inesquecíveis rodavam lentamente, como faziam os antigos projetores do cine Imperial.

Lá sonhou ser o mais viril dos atores pornô. O mocinho que encantava gerações. Don Juan de uma juventude rebelde que, de cabelos longos, sonhava com a liberdade sexual e política, ainda assim, aos domingos a tarde sorria rodando ridiculamente na roda gigante de um parque de diversão nômade, por ora ali fixado.

Por outros, com amigos na Praça da Mãe Preta balançando, inconvenientemente a chave do fusca branco já encardido e desgastado.

A revolução que sonhava nunca ajudou a fazer. No máximo cantarolava Geraldo Vandré agarrado ao seu violão com cordas de nylon.” (trecho de Roda Gigante)



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura